

2

Arte e ritual

Roberto Conduru (UERJ)

Vera Beatriz Siqueira (UERJ)

Muitos dos artefatos que são entendidos atualmente como obras de arte foram produzidos, em diferentes contextos de tempo e espaço, para participar de ações religiosas, políticas e civis. Também são numerosos os artefatos gerados ritualmente, sobretudo em liturgias de cunho mágico-religioso, que depois foram considerados obras de arte.

Mas a arte não foi feita exclusivamente para ou em sistemas a ela externos, como a religião e a política. Pois ela é processual, ritualizada, desde o âmbito mais ou menos individual e solitário da criação até a recepção pública. Nesse sentido, é preciso ressaltar como, há algum tempo, a performance vem se constituindo como categoria artística na qual a ritualística é uma questão chave. Por outro lado, deve-se chamar atenção para os ritos que as obras de arte – antigas e contemporâneas – propõem, demandam ou exigem, com suas particulares condições objetivas. Assim como os rituais próprios às instituições artísticas. E os processos de apropriação pelo público.

Como estes diferentes modos de ritualização constituem e afetam a arte? Como as dimensões artísticas interferem nos rituais? Toda agência artística é ritualística? Como uma obra de arte se torna pública? Como as apropriações confirmam ou subvertem os modos de celebração? Há arte sem rito? Arte só ritual? Questões como estas mobilizaram a sessão temática Arte e Ritual, abarcando comunicações que exploraram as múltiplas conexões entre arte e ritualismo, a partir dos seguintes eixos de reflexão: arte em rituais – religião, política, civismo; o fazer artístico como ritual; performance – corpos, ritos e desdobramentos; a performatividade dos objetos artísticos; o ritualismo próprio a escrita, curadoria, ensino e fruição da arte.
